

Comentário de Conjuntura

Em junho, o cenário econômico global foi marcado pela redução das tensões no Oriente Médio, favorecendo a melhora do ambiente de risco e a queda dos preços do petróleo. Apesar do relativo alívio, a inflação permaneceu como principal foco das autoridades monetárias, diante da persistência das pressões domésticas de preços em diversas economias. Nesse contexto, os bancos centrais mantiveram postura cautelosa e dependente da evolução dos dados, enquanto os indicadores de atividade continuaram apontando ritmos distintos entre as principais economias.

Nos Estados Unidos, a redução das tensões geopolíticas contribuiu para mitigar parte das pressões sobre os preços de energia. Ainda assim, a inflação ao consumidor avançou 0,5% no mês, acumulando 4,2% em doze meses, enquanto o núcleo atingiu 2,9%. A inflação ao produtor surpreendeu novamente, com alta de 1,1% no mês e 6,5% em doze meses, indicando pressões relevantes sobre os custos das empresas. Na reunião de junho, o Federal Reserve, com o novo *Chairman*, Kevin Warsh, manteve os juros inalterados e adotou comunicação mais austera, reforçando que eventuais ajustes dependerão da evolução da inflação e do mercado de trabalho.

Na Europa, o BCE elevou a taxa de juros, mas condicionou futuros movimentos à dependência dos dados, enquanto a desaceleração da inflação e a queda dos preços de energia reduziram a probabilidade de novos ajustes no curto prazo. Na China, os indicadores de maio mostraram moderação da atividade e variações de preços consumidor e ao produtor situando-se em 1,2% e 3,9%, respectivamente, ambas em doze meses. Esses dados reforçaram as expectativas de adoção de novos estímulos econômicos pelas autoridades do governo central.

No Brasil, os indicadores de atividade reforçaram a expectativa de moderação gradual da atividade, embora o mercado de trabalho permaneça aquecido e a demanda doméstica siga sustentando o crescimento acima do potencial. A melhora do cenário externo reduziu parte das pressões sobre combustíveis, mas a inflação de serviços e os núcleos continuaram em níveis elevados, incompatíveis com a meta. No Copom reduziu a Selic em 25bps, para 14,25% ao ano, mantendo comunicação cautelosa e condicionando os próximos passos à evolução das expectativas para o comportamento da inflação e da atividade econômica.

Recursos Garantidores

R\$ 4,8 bilhões

Superavit Técnico

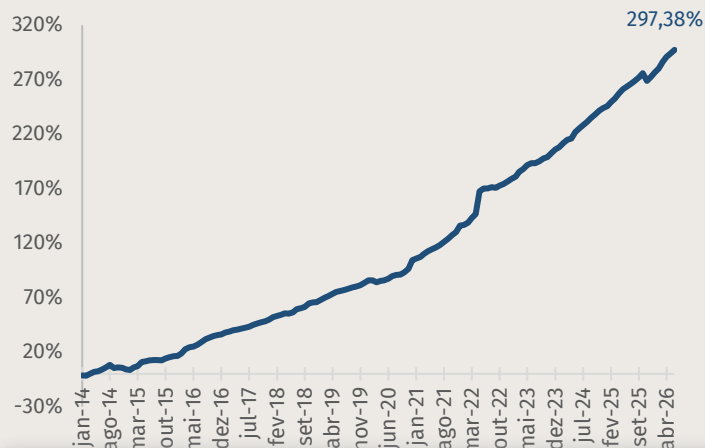
Superavit Acumulado	R\$ 1,2 bilhão
Provisões Matemáticas	R\$ 2,8 bilhões
% Provisões Matemáticas	41,8%

Histórico de Rentabilidade (%)

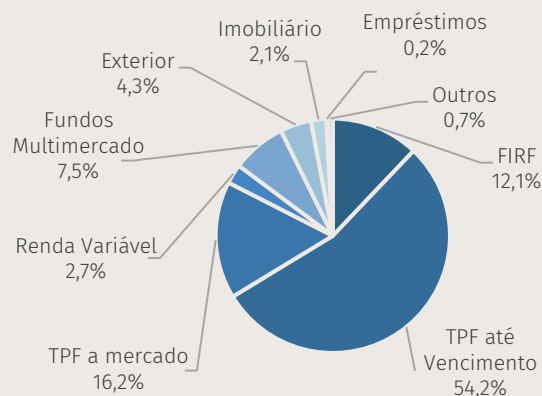
	2025			2026					12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Trí	Abr	Mai	Jun	Ano				
PBB - Rent. líq.	5,76	2,42	8,31	3,64	1,22	0,84	0,83	6,66	9,23	22,28	35,49	83,79
Meta Atuarial ^{1/}	4,88	3,09	8,12	2,90	0,99	0,90	0,48	5,36	8,62	18,66	28,25	59,41
IPCA	2,99	1,24	4,26	1,92	0,67	0,58	0,16	3,36	4,64	10,43	14,65	32,85
CDI	6,41	7,43	14,32	3,41	1,09	1,07	1,12	6,84	14,78	28,70	43,75	77,34

1/ IPCA + 4,0% a.a. em 2021, IPCA+3,7% a.a. de partir de 2022 a 2025, IPCA+3,9% a partir de 2026.

Rentabilidade Histórica



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

A carteira de investimentos registrou rentabilidade de 0,83% em junho, superando o índice de referência do plano para o mês (0,48%). O resultado refletiu o ambiente internacional mais benigno, favorecendo o desempenho dos segmentos de Exterior e Estruturado. A Renda Fixa permaneceu beneficiada pelos elevados prêmios de juros, enquanto a Renda Variável encerrou o mês com relativa estabilidade.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Jun/26
Renda Fixa	0,72
Renda Variável	-0,27
Estruturado	1,65
Exterior	2,69
Imobiliário	-0,15
Op. Participantes	0,91